



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

ESCOLA SUPERIOR DE DESENVOLVIMENTO RURAL

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA RURAL

**Impacto Socioeconomico das Associações Agrícolas. O caso das
Associações Ligadas a União das Cooperativas Agrícolas de Maracuene**

Licenciatura em Comunicação e Extensão Rural

Autor:

Décio Duarte Nhantumbo

Vilankulos, Junho de 2016

Décio Duarte Nhantumbo

**Impacto Socioeconomico das Associações Agrícolas. O caso das
Associações Ligadas a União das Cooperativas Agrícolas de Maracuene**

Trabalho de Culminação de
Curso a ser apresentado ao
departamento de Sociologia
Rural da Universidade Eduardo
Mondlhane – Escola Superior de
Desenvolvimento Rural para
obtenção do grau de
Licenciatura em Comunicação e
Extensão Rural

Supervisor:

Eng^o Graciano Matsinhe

UEM – ESUDER

Vilankulos

2016

ÍNDICE

Conteúdo	Página
1.1 CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
1.2 Contextualização da Pesquisa	Erro! Indicador não definido.
1.3 Problema de Estudo.....	Erro! Indicador não definido.
1.4 Justificativa.....	Erro! Indicador não definido.
1.5 Objectivos.....	Erro! Indicador não definido.
1.1.1. Objectivo Geral:.....	Erro! Indicador não definido.
1.1.2. Objectivos Específicos:.....	Erro! Indicador não definido.
CAPITULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	Erro! Indicador não definido.
2.1. Conceito de Associações.....	Erro! Indicador não definido.
2.2. Breve Historial do Associativismo.....	Erro! Indicador não definido.
2.3. As Características das Associações.....	Erro! Indicador não definido.
2.4. Diferenças Entre Cooperativas e Associações	Erro! Indicador não definido.
2.5. Outras diferenças.....	Erro! Indicador não definido.
2.6. Princípios do Associativismo Segundo o SEBRAE.....	Erro! Indicador não definido.
2.7. Importância Socioeconómica do Associativismo	Erro! Indicador não definido.
2.8. Aspectos Gerais da UCAM	Erro! Indicador não definido.
2.8.1. Mecanismo de Adesão às Associações.....	Erro! Indicador não definido.
2.8.2. Papel da UCAM nas Associações	Erro! Indicador não definido.
2.9. Estrutura das Associações	Erro! Indicador não definido.
2.9.2. Funções dos Membros:.....	Erro! Indicador não definido.
CAPITULO III: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	Erro! Indicador não definido.
3.1. Descrição da área de estudo	Erro! Indicador não definido.
3.2. Metodologia	Erro! Indicador não definido.
3.3. Indicadores do Impacto	Erro! Indicador não definido.
3.3.1. Indicadores Sociais:.....	Erro! Indicador não definido.
3.3.2. Indicadores Económicos:.....	Erro! Indicador não definido.
3.4. Métodos que Proporcionam a Base da Investigação.....	Erro! Indicador não definido.

3.5. Técnicas e Procedimentos Usados para a Recolha de Dados	Erro! Indicador não definido.
3.5.1. Técnicas de recolha de dados	Erro! Indicador não definido.
3.6. Amostragem e Tamanho da Amostra	Erro! Indicador não definido.
3.6.1. Definição da Amostra	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO IV: RESULTADOS E DISCUSSÃO	Erro! Indicador não definido.
4.1. Identificação das Associações	Erro! Indicador não definido.
4.2. Relação entre as formas de organização dos membros das associações para a produção e a e os níveis de produção obtidos	Erro! Indicador não definido.
4.2.1. Aumento da produção	Erro! Indicador não definido.
4.2.2. Acesso Aos Mercados Para Comercialização Dos Produtos	Erro! Indicador não definido.
4.2.3. Geração de renda	Erro! Indicador não definido.
4.2.4. Redução das perdas de culturas	Erro! Indicador não definido.
4.3. Constrangimentos Enfrentados Pelas Associações	Erro! Indicador não definido.
4.4. Transformações geradas pelas associações agrícolas nas comunidades onde elas estão inseridas.	Erro! Indicador não definido.
CAPITULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	Erro! Indicador não definido.
5.1. Conclusões	Erro! Indicador não definido.
5.2. Recomendações	Erro! Indicador não definido.
5.3. A UCAM	Erro! Indicador não definido.
5.4. Aos Agricultores:	Erro! Indicador não definido.
5.5. Ao Governo Distrital:	Erro! Indicador não definido.
CAPITULO VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Erro! Indicador não definido.

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Dércio Duarte Nhantumbo, declaro que este trabalho é resultado da minha pesquisa e das orientações do meu supervisor. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia. Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição.

O Autor:

(Dércio Duarte Nhantumbo)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe **Laurinda David Nhamue**, que em vida foi professora do ensino primário, e com muita paciência, carinho e compaixão, dedicou sua vida a inculcar na vida de milhares de crianças a cultura dos estudos. E como não poderia deixar de ser, cultivou em mim também o gosto pelos estudos a partir de casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus irmãos: **Danilo de Nascimento, Antero de Almeida, Hélio Félix e Gércia Lina**, por me terem inspirado a seguir seus passos e ingressar à faculdade, assim como por terem prestado todo o tipo de ajuda psicológica, financeira e intelectual durante a minha formação.

Agradeço a toda a equipa da UCAM, por terem sido sérios e receptivos, me enquadrando em todas as actividades desta organização durante o processo do estágio e colecta de dados, e facilitando toda a informação de que necessitei para realizar a pesquisa.

Agradeço ao meu supervisor, **Eng^o Graciano Matsinhe**, pela paciência, seriedade e competência com a qual orientou a realização desta pesquisa

Agradeço a minha **família** e aos **colegas** e **amigos** no geral.

LISTA DE SIGLAS

ADCR - Associação para o Desenvolvimento da Comunidade Rural

DUAT - Direito de Uso e Aproveitamento de Terra

MAE – Ministério da Administração Estatal

SDAE - Serviço Distrital de Actividades Económicas

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas

UCAM - União das Cooperativas Agrícolas de Marracuene

UNAC - União Nacional dos Camponeses

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Fig 1: - Estrutura Hierárquica das Associações Agrícolas de Marracuene

Gráfico 1: Comparação de idades e sexos dos agricultores associados

Gráfico 3: Evolução da Produção Agrícola Durante o Quinquénio 2010-2014 no Distrito de Marracuene

Gráfico 4: Evolução Durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 na Associação 7 de Abril

Gráfico 5: Evolução da Produção Durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 na Associação Alfredo Namitete

Gráfico 6: Evolução da Produção Durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 na Associação Telmina Perreira

Gráfico 7: Evolução da Produção Durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 na Associação 13 de Fevereiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução da Produção Agrícola Durante o Quinquénio 2010-2014 no Distrito de Marracuene

Tabela 2 : Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação 7 de Abril

Tabela 3: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação Alfredo Namitete

Tabela 4: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação Telmina Pereira

Tabela 5: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação 13 de Fevereiro

Tabela 6: Áreas Perdidas e Famílias Afectadas Durante o Quinquénio 2010/2014.

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice I: Guião de Entrevistas Dirigido aos Membros das Associações Agrícolas de Marracuene

Anexo I: Evolução da Produção Agrícola Durante o Quinquénio 2010-2014 no Distrito de Marracuene

Anexo II: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação 7 de Abril

Anexo III: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação Alfredo Namitete

Anexo IV: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação Telmina Pereira

Anexo V: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação 13 de Fevereiro

Anexo VI: Áreas Perdidas e Famílias Afectadas Durante o Quinquénio 2010/2014.

GLOSSÁRIO

Associação agrícola – Organização que agrupa agricultores ou outros profissionais agrícolas empenhados no desenvolvimento de actividades de âmbito agrícola, que contribuam para a satisfação das suas necessidades individuais sentidas por todos e ou de representação, defesa e promoção dos seus interesses sócio-agrários.

Agricultura familiar – Entende-se por agricultura familiar o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, tendo, como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar, em contraste com a agricultura patronal - que utiliza trabalhadores contratados, fixos ou temporários, em propriedades médias ou grande

Impacto Socioeconómico – Se refere a uma medida de impacto que afecta tanto a ordem económica como social na situação em estudo.

Consortiação de Culturas - É uma técnica agrícola de conservação que visa a um melhor aproveitamento a longo prazo do solo. Consiste na plantação de espécies diferentes próximas umas das outras. As espécies escolhidas proporcionam, entre si, vantagens recíprocas quando o seu crescimento se efetua simultaneamente na mesma área agrícola.

RESUMO

A agricultura é a base da subsistência de maior parte da população de Moçambique, sobretudo da população residente nas zonas rurais que pratica a agricultura de subsistência para produzir alimentos para o dia-a-dia e obter dinheiro para adquirir outros produtos com a comercialização do excedente agrícola. Contudo, esta agricultura é caracterizada pela pobreza de recursos e conseqüentemente de rendimentos, o que para além de desmotivar a quem pratica esta actividade, também contribui para a escassez de alimentos e agravamento de problemas como a fome e desnutrição.

No distrito de Marracuene, o associativismo é um fenómeno que tem-se revelado como uma alternativa viável para os agricultores do sector familiar, pela união de esforços com a finalidade de conquistar ganhos colectivos maiores. A UCAM, é uma organização criada pelos próprios agricultores do distrito de Marracuene para a defesa de seus interesses, fortalecimento destes como classe e para alcançar uma auto sustentabilidade económica, social e cultural fortalecendo o associativismo e capacitando os agricultores em assuntos ligados a economia familiar.

O presente estudo, foi feito junto às associações de agricultores do sector familiar que estão ligadas a UCAM, com o intuito de avaliar as transformações socioeconómicas trazidas por esta forma de organização dos agricultores do sector familiar, estudando a maneira como eles se organizam, como dividem os benefícios obtidos nesta actividade, como fazem a gestão de seus empreendimentos, e os desafios enfrentados por eles no decurso de suas actividades.

Do presente estudo constatou-se que as associações são de bastante utilidade para os agricultores do sector familiar nesta região, pelo que lhes permitem unir forças para realizar actividades que não dispõem de meios próprios suficientes para realizar individualmente, para além de beneficiarem-se de projectos de desenvolvimento agrícola virados efectivamente para estas associações, assim como da colocação de seus produtos no mercado por meio de feiras realizadas entre as associações.

Palavras-chave: associações, agricultura familiar, impacto socioeconómico

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

De acordo com o MAE (2005), o distrito de Marracuene, possui, uma população recenseada em 1997, de cerca de 41.677 habitantes, tendo a agricultura como base da economia, quer seja para a produção de alimentos como também para obtenção de renda com a comercialização dos produtos obtidos, em mercados locais e circunvizinhos. Contudo, os produtores têm se referido à sua actividade como sendo uma agricultura pobre em tecnologias e de baixa produtividade. Queixam-se, no que se refere a produção e produtividade, as condições de trabalho, a ausência de insumos agrícolas e ao recurso de práticas que se adaptem, acima de tudo, às exigências climáticas locais e dos dias de hoje, onde por consequência das mudanças climáticas, regista-se uma queda irregular das chuvas, comprometendo muito as colheitas de maioria dos agricultores locais que dependem exclusivamente das condições da natureza para produzir.

Os agricultores têm reclamado pelo fraco poder de decisão que eles têm perante a fixação dos preços para colocar seus produtos no mercado, sendo que, na maioria das vezes, não chegam para cobrir os custos de produção e outros associados àquela que constitui a única forma de sustento para a grande maioria e suas respectivas famílias, segundo UCAM (2015). A organização de produtores em associações, pode ser uma alternativa que se afiguraria segura, tendo em vista o propósito de contornar estes e outros desafios. Formando associações e/ou cooperativas, os agricultores criariam uma equipa firme que seria potenciada, de modo a obter uma maior capacidade para negociar com os compradores. Quando os camponeses actuam como singulares, os compradores não têm dificuldades em predeterminar os preços, de acordo com as suas conveniências, mesmo que isso signifique frustrar os interesses do produtor SMART & HANLON (2014).

Para AVRITZER (2004), o fomento ao associativismo constitui a pedra angular do desenvolvimento no sentido que a organização associativa fornece os instrumentos aos atores individuais e passa a ser a força indutora para incorporar novos conhecimentos, que culmina em uma sinergia nos processos de inovação e aperfeiçoamento. Ainda para este autor, os actores sociais mais importantes não são os cidadãos individualmente, mas as corporações em que se envolvem e cuja actuação passa a depender, em grande medida, dos interesses pessoais envolvidos. Desta forma, a associação expressa uma relação social dinâmica e em movimento, como uma força estratégica para a melhoria das condições locais de uma população, sob todas as suas dimensões, culminando com a ideia de desenvolvimento.

Segundo ANDRADE (2008) citado por LAURENTINO (2015), o associativismo surgiu já nos primórdios da humanidade, no momento em que o homem apercebeu-se da necessidade de viver em grupos para caçar e se defender. Na era industrial, porém, foi obrigado a se organizar no intuito de enfrentar as condições precárias de trabalho. Na era actual, chamada “era do conhecimento”, torna-se necessário buscar o desenvolvimento económico e social através de grupos estruturados e preparados, o que remete aos agricultores para inúmeros desafios, sendo um dos que se destacam o associativismo.

O Associativismo caracteriza-se pelas suas diferentes formas de organização e pela sua importância como instrumento de desenvolvimento. Verificando-se o processo de evolução das sociedades, pode-se afirmar que a prática da cooperação demonstra que um grupo é superior à simples soma dos indivíduos, pois, através desta forma de organização estes podem conquistar, de facto, melhorias em diversos aspectos da vida humana, inclusive no que tange à actividade económica.

O presente trabalho de pesquisa tem como objecto de estudo, as associações de produtores agrícolas ligadas à UCAM (União das Associações Agrícolas de Marracuene). Com o mesmo pretende-se analisar até que ponto as associações podem se revelar uma mais-valia para o crescimento socioeconómico individual e colectivo destes assim como para o desenvolvimento das comunidades onde estas estão inseridas, pela melhoria das condições de vida e da renda com os rendimentos obtidos nas actividades agrícolas.

1.1. Contextualização da Pesquisa

As associações locais constituem um elemento fundamental no incremento da participação cívica e, como tal, agentes privilegiados de democratização no sentido da democracia participativa. Assumem-se, assim como uma peça importante na participação para o desenvolvimento social dos cidadãos e das comunidades locais. A participação individual estimula a integração do indivíduo na identificação e selecção das respostas aos seus problemas pessoais, transpondo para o espaço público os problemas vividos pelos indivíduos na esfera privada, propiciando a participação colectiva, numa acção organizada em prol do bem comum e da resolução de problemas de ordem social, cultural ou mesmo económica procurando naturalmente, respostas de interesse geral.

A presente pesquisa, visa avaliar a o papel das associações agrícolas no Distrito de Marracuene, para a melhoria das condições de trabalho, de vida, melhoria de rendimentos e do posicionamento no mercado para a venda das colheitas; bem como de acesso a ajuda, a financiamento, participação em projectos governamentais e não governamentais ligados à agricultura e acesso a direitos de uso e aproveitamento dos espaços.

1.2. Problema de Estudo

O distrito de Marracuene possui como base da economia, a agricultura do sector familiar, praticada em grande parte ao longo da planície banhada pelo rio Inkomati, que atravessa o distrito no sentido Norte-Sul. Maior parte das explorações agrícolas do distrito pertencem às famílias de pequenos agricultores que praticam a agricultura de subsistência e tem esta actividade como a sua principal fonte de renda bem como para a produção de alimentos.

Os agricultores do sector familiar neste Distrito, tem-se organizado em associações, que lhes permitem juntar recursos e esforços, para alcançar maiores rendimentos nesta actividade. Estando organizados em associações, os agricultores podem reunir condições para desenvolver actividades que não seriam capazes de dispor de meios suficientes para desenvolve-las singularmente. Também conseguem ter benefícios de outra natureza como a ajuda do governo e organizações não governamentais que geralmente alocam meios para estas associações como forma de apoiar a um número maior de famílias em simultâneo de forma a melhorar a produção e por conseguinte o nível de renda e as condições de vida destes produtores. Porém, apesar da presença das associações no local, os níveis de rendimentos dos agricultores do sector familiar continuam baixos, assim como a sua condição de vida e nível de renda, pelo que surge a seguinte questão de partida:

- Até que ponto as associações agrícolas contribuem nos aspectos socioeconómicos de seus membros?

1.3. Justificativa

A razão principal da escolha do tema “Impacto Socioeconómico das Associações Agrícolas no Distrito de Marracuene” partiu da necessidade da realização de um trabalho de Culminação do Curso de Comunicação e Extensão Rural, ministrado pela Universidade Eduardo Mondlane, concretamente na Escola Superior de Desenvolvimento Rural, trabalho este a ser apresentado nesta mesma instituição para a obtenção do grau de Licenciatura. Este tema, surge na expectativa de realizar uma pesquisa de interesse e utilidade para a comunidade académica e para o governo e outras organizações da sociedade que trabalham com o desenho e implementação de projectos agrícolas no local da realização da pesquisa, para que estas organizações, possam desenhar seus projectos cientes da verdadeira situação em que se encontram os agricultores, sobretudo as associações agrícolas que constituem um alicerce para muitas famílias de agricultores locais.

A definição das associações ligadas a UCAM como objecto de estudo, deveu-se ao alto nível de entrega e seriedade na pessoa desta organização no desenho e implementação de projectos agrícolas e por servir de alicerce para centenas de agricultores do sector familiar no distrito de Marracuene, maior parte dos quais sem fontes alternativas de renda, tendo a agricultura como a base do seu sustento, pelo que procuram junto a esta organização, ajuda a todos os níveis para garantir que haja produção.

Após a sua conclusão e apresentação dos resultados, o presente trabalho de pesquisa poderá contribuir como um espelho para as possíveis dificuldades assim como proezas, pontos fortes e oportunidades que possam existir no local da pesquisa, junto às associações com as quais pretende-se trabalhar.

1.4. Objectivos

1.4.1. Objectivo Geral:

- Analisar o impacto socioeconómico das associações agrícolas no Distrito de Marracuene.

1.4.2. Objectivos Específicos:

- Identificar as associações agrícolas ligadas a União das Cooperativas Agrícolas de Marracuene;
- Explicar as formas de organização dos membros das associações para a produção e a relação que existe com os graus de produção obtidos;
- Apontar as transformações geradas pelas associações agrícolas nas comunidades onde elas estão inseridas.

CAPITULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

2.1. Conceito de Associações

Para GAGLIANO & STOLZE (2007) associação é uma entidade de direito privado, formada pela união de indivíduos com o propósito de realizar actividades com fins não lucrativos. Outros autores como COELHO (2008) defendem ainda o conceito de associação como sendo uma organização resultante da reunião legal entre duas ou mais pessoas, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos para a realização de um objectivo comum.

A vida associativa é presença em muitas áreas de actividades humanas, mormente traduzida em condições que visam contribuir para o equilíbrio e estabilidade social Frantz (2002). Desta maneira, as associações são geralmente constituídas por pessoas que objectivam um determinado fim não lucrativo, podendo ser social, educacional, assistencial, ambiental, entre outros. As associações são regidas por um estatuto social, podendo haver ou não capital no ato da sua constituição. As rendas provenientes da actividade desenvolvida são destinadas a finalidade descrita em seu estatuto.

Para QUEIJA (2008) citado por LAURENTINO (2015), há diversas formas de agrupamento de pessoas/organizações, podendo-se destacar os seguintes formatos:

- **Associações de classe** - associações que reúnem profissionais de uma mesma classe.
- **Redes sectoriais** - organizações que reúnem diversas redes que actuam num mesmo sector, com focos semelhantes ou complementares.
- **Arranjos produtivos locais – APL's (ou Distritos Industriais)** - territoriais de agentes económicos, políticos e sociais, focados em um conjunto específico de actividades económicas, e apresentando vínculos mesmo que incipientes. Geralmente os APL's envolvem a participação e a interacção de empresas (produtoras de bens e serviços finais, fornecedores de insumos e equipamentos, prestadores de serviços de consultoria ou outros serviços afins e os consumidores). Incluem, ainda, outras instituições públicas e privadas voltadas para formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento.

- **Consórcios** - os consórcios são modalidades de acesso ao mercado de consumo baseado na união de pessoas físicas ou jurídicas, em grupo fechado, com finalidade de formar poupança destinada, à compra de bens móveis duráveis, imóveis e serviço turístico.
- **Cooperativismo** - para VALADARES (1996) citado por LAURENTINO (2015), cooperativa, é uma associação autónoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades económicas, sociais e culturais comuns, por meio de um empreendimento de propriedade colectiva e democraticamente gerido.
- **Associações por Sector (Comercial, Industrial, Agrícola, etc.)** - É o modelo de associação que reúne várias organizações empresariais do mesmo sector de actuação com os objectivos de buscar, conjuntamente, melhorias para a classe empresarial que representam.

2.2. Breve Historial do Associativismo

O associativismo nasceu da necessidade de os homens somarem seus esforços para alcançar um objectivo comum. No princípio este objectivo era a sobrevivência da espécie humana. Posteriormente, transformou-se na necessidade de enfrentar as mudanças impostas pelo sistema económico mundial. Actualmente, o associativismo é um fenómeno visível em todo o mundo. Frantz (2008) afirma que o associativismo é um fenómeno que pode ser detectado nos mais diferentes lugares sociais: no trabalho, na família, na escola entre outros meios. No entanto, predominantemente, a organização associativa, é entendida com sentido económico e envolve a produção e a distribuição dos bens necessários à vida.

Segundo ANDRADE (2008) citado por LAURENTINO (2015), o associativismo surgiu já nos primórdios da humanidade, no momento em que o homem apercebeu-se da necessidade de viver em grupos para caçar e se defender. Recuando até à Pré-História, um exemplo de associativismo seria a caça colectiva, onde se assistia a uma cooperação entre os indivíduos, que tinham um objectivo comum, com formas de organização incipientes e compostos em exclusivo por homens. Na Palestina, entre os anos 356 – 425 d. C; regista-se a existência de associações mútuas, associações, entre caravanas de mercadores, para a criação do gado. Na Grécia Antiga existiam espaços

associativos de que se destacam os Ginásios, associados à cultura física, e as Palestras ligadas à educação, como seja a música. Ambos eram símbolos da cidade, da Polis e na Antiga Roma existiam os "Collegia", que eram organizações profissionais. Em paralelo existiam os chamados Clubes de Jovens e as Escolas de Gladiadores. Na Idade Média surgem as Irmandades ligadas à Igreja Católica e as Corporações. Estas que eram basicamente artesanais reuniam os produtores, os aprendizes, os jornalistas, os mestres e os artesãos de um determinado ofício sendo que mais tarde surgem as corporações superiores para os mestres e as corporações inferiores para os ajudantes. Também nesta altura surgiu outro tipo de Associação como as Ordens Militares. Este tipo de Associações vigorou pela Europa até ao séc. XIX, sendo depois substituídas pelas associações profissionais de trabalhadores e dos patrões que viriam a dar origem aos actuais sindicatos e associações patronais. No séc. XX com o advento do tempo livre e do descanso, surgem as associações de cultura e recreio. O leque alargou-se em definitivo ao objecto social criando-se os clubes desportivos das várias modalidades e as colectividades de cultura e recreio. A sua importância alargou-se especialmente nos EUA e no Norte da Europa, chegando a substituir-se ao próprio Estado e atingindo grande peso a nível económico.

Na era industrial, porém, o homem foi obrigado a se organizar no intuito de enfrentar as condições precárias de trabalho. Na era actual, chamada "era do conhecimento", torna-se necessário buscar o desenvolvimento económico e social através de grupos estruturados e preparados, o que remete a sociedade para inúmeros desafios, sendo um dos que se destacam o associativismo.

De acordo com NEVES (2009) em Moçambique, o percurso do movimento associativo, compreendeu três fases: uma fase, que vai de 1898 até 1935, em que foi criada a Associação dos Funcionários do Comércio e Indústria de Lourenço Marques até 1935. Uma segunda fase, de 1935 a 1974, subdividida ainda em três faixas: uma faixa inicial, de reorganização, imposta a todas as colectividades pelo regime, nos moldes do corporativismo e sob influência da legislação de Setembro de 33, quanto às associações de classe; numa faixa intermédia, de 1945 a 1962, onde cresce a contestação ao regime colonial e, numa faixa significativa, de 1962 a 1974, o caminho para a independência. A terceira fase, compreende os últimos anos, desde a transição, da independência e pós-independência, de 1974 aos dias actuais, em que a sociedade civil ganha espaço para se afirmar.

2.3. As Características das Associações

Para TURRA *et al* (2002), citado por SANTOS *et all* (2010), as associações surgem do interesse, da necessidade, da vontade de um grupo de pessoas que se organiza para realizar uma ou mais actividades comuns. Sendo assim, não se deve organizar uma associação quando os interesses individuais forem superiores aos interesses do grupo.

De um modo geral, estas organizações possuem as seguintes características sobre as demais formas de organizações similares que possam existir:

- Reunião de duas ou mais pessoas físicas ou jurídicas para a realização de objectivos comuns;
- Seu património é constituído pela contribuição dos associados, através de doações, subvenções, ou outras fontes;
- Seus fins podem ser alterados pelos associados, em Assembleia Geral;
- Os seus associados deliberam livremente, em Assembleia Geral, tendo cada associado direito a um voto;
- São entidades de direito privado e não público.

2.4. Diferenças Entre Cooperativas e Associações

Associação é uma sociedade civil sem fins lucrativos, onde vários indivíduos se organizam de forma democrática em defesa de seus interesses. Pode existir em vários campos da actividade humana e sua constituição pode derivar de motivos sociais, filantrópicos, científicos, económicos e culturais, segundo TURRA *et all* (2002) citado por SANTOS *et all* (2010). Ainda de acordo com este mesmo autor, a associação tem como objectivo a prestação de serviços sem visar lucros. Diferentemente das cooperativas que são pessoas colectivas autónomas, de livre constituição de capital e composição variáveis e de controlo democrático, em que os seus membros obrigam-se a contribuir com bens e serviços para o exercício de uma actividade económica. de proveito comum, através de acções mútuas e mediante partilha de risco, com vista à satisfação das suas necessidades e aspirações económicas e um retomo patrimonial predominantemente realizado na proporção de suas operações. As associações distinguem-se por outro lado de outras entidades pela dupla identidade dos associados, que são ao mesmo tempo donos e usuários da mesma.

2.4.1. Outras diferenças

a) Constituição

- **Associação** – constituídas no mínimo por um número de pessoas não inferior a dez (10), de acordo com a Lei nº 8/91 em Moçambique.
- **Cooperativa** – constituída pelo mínimo de duas (2) pessoas para as de segundo grau e por um número não inferior a cinco (5) para as de primeiro grau, segundo a Lei nº 23/2009 em Moçambique.

b) Património/Capital

- **Associação** – o património destas é formado por taxas pagas pelos associados, doações, fundos e reservas. Não possui capital social, o que dificulta a obtenção de financiamentos junto às instituições financeiras.
- **Cooperativa** - possui capital social, facilitando, portanto, financiamentos junto às instituições financeiras. O capital social é formado por quotas, podendo receber doações, empréstimos e processos de capitalização.

c) Representação

- **Associação** - pode representar os associados em acções colectivas de seu interesse. É representada por federações e confederações.
- **Cooperativa** - pode representar os associados em acções colectivas de seu interesse. Pode constituir federações e confederações para a sua representação.

2.5. Princípios do Associativismo Segundo o SEBRAE

O associativismo, enquanto forma de organização social, de carácter, normalmente voluntário, caracterizado pela união de dois ou mais indivíduos visando a satisfação das suas necessidades individuais humanas, assenta-se sobre os seguintes princípios:

- **Princípio da Adesão Voluntária e Livre**

As associações são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a usar os seus serviços e dispostas a aceitar as responsabilidades de sócio, sem discriminação social, racial, política, religiosa e de género.

▪ **Princípio da Gestão Democrática pelos Sócios**

As associações são organizações democráticas, controladas pelos seus sócios, que participam activamente no estabelecimento das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e mulheres, eleitos como representantes, são responsáveis para com os sócios.

▪ **Princípio da Participação Económica dos Sócios**

Os sócios contribuem de forma equitativa e controlam democraticamente as suas associações através da deliberação em assembleia-geral.

▪ **Princípio da Autonomia e Independência**

As associações são organizações autónomas de ajuda mútua, controlada pelos seus sócios”. Podem entrar “num acordo operacional com outras entidades, inclusive governamentais, ou recebendo capital de origem externa, devendo fazê-lo de forma a preservar o seu controlo democrático pelos sócios e manter a sua autonomia.

▪ **Princípio da Educação, Formação e Informação**

As associações devem proporcionar educação e formação aos sócios, dirigentes eleitos e administradores, de modo a contribuir efectivamente para o seu desenvolvimento.

▪ **Princípio da Interacção**

As associações podem satisfazer as necessidades dos seus sócios mais eficazmente e fortalecer o movimento associativista, se trabalharem juntas, através de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.

▪ **Princípio do Interesse pela Comunidade**

As associações trabalham pelo desenvolvimento sustentável das suas comunidades, municípios, regiões, estados e país através de políticas aprovadas pelos seus membros”.

Estes princípios são importantes não só, para as associações mas também, para a construção da sociedade. Estes contribuem para o desenvolvimento económico e social de uma sociedade cada vez mais solidária, democrática e com autonomia de gestão, como preconizado pelo Princípio do Interesse pela Comunidade.

2.6. Importância Socioeconómica do Associativismo

O associativismo é uma questão primária para o potencial de emancipação e o desenvolvimento de qualquer comunidade ao articular o pontual com o abrangente. ALENCAR (1997) Citado por LEONELLO (2010), afirma que o associativismo representa uma importante opção estratégica capaz de transformar ou modificar a realidade, ou como um instrumento que proporciona aos diferentes atores sociais meios para se adaptarem a essa realidade. Através dessa forma de representatividade, abre-se a possibilidade de combinar o desenvolvimento colectivo e individual. Incentivar a formação de associações torna-se relevante à medida que a lógica da acção colectiva acaba prevalecendo sobre a acção individual, sem, contudo, excluí-la.

De acordo com FRANTZ (2002), desenvolver não significa seguir um rumo previamente inscrito na vida social, mas exige a construção das próprias condições dessa vida social pela acção dos homens. Sendo assim, durante o processo do desenvolvimento local é imprescindível o reconhecimento da multiplicidade e diversidade das potencialidades humanas.

As associações constituem espaços para cooperação e educação cívica e interação entre indivíduos, geram um ambiente social de convivência e confiança mútua. São organizações voltadas para o melhoramento das condições de cada um de seus membros através da junção das energias individuais de cada um. Para os agricultores do sector familiar no caso em estudo, com poucos recursos e sem acesso a crédito bancário e desenvolvendo esta actividade de risco, torna-se imprescindível o agrupamento em associações para alargar as possibilidades de cada um. Para LEONELLO (2010) “em relação às associações de pequenos produtores, observamos que o uso de práticas solidárias, isto é, o agrupamento de produtores com interesses comuns, tendo como finalidade resolver os seus problemas, quer sejam de produção, comercialização ou de serviços, viabilizando a sustentação de suas propriedades, superando entraves produtivos e logísticos, de

forma colectiva, representa uma importante opção estratégica capaz de transformar ou modificar uma realidade, ou mesmo, proporcionar aos diferentes atores sociais, meios para se adaptarem a essa realidade”.

2.7. Aspectos Gerais da UCAM

Sediada nas imediações da vila de Marracuene, e ligada à UNAC, a UCAM – União das Cooperativas Agrícolas de Marracuene, é uma pessoa colectiva de direito privado sem fins lucrativos, dotada de personalidade jurídica, autonomia administrativa, financeira e patrimonial, criada pelos próprios camponeses do distrito de Marracuene com a função de defender os seus interesses e se fortalecer como classe para alcançar a auto-sustentabilidade económica, social e cultural, fortificando o associativismo e capacitando os mesmos em assuntos ligados a economia familiar. Possui uma sede distrital que se encontra no distrito de Marracuene, conta com uma equipe de trabalho com experiência em diversos sectores ligados à produção agrícola como Formação, Produção, Administração e Cooperação, e de financiamento externo para os seus projectos agrários nas comunidades.

Ainda de acordo com dados próprios da UCAM, esta organização, surge de um movimento associativo que iniciou em 1977, quando houve um estímulo advindo do governo da primeira república para que houvesse sistemas de cooperação e associação com vistas a aproveitar as grandes áreas deixadas pelos agricultores do antigo regime colonial. Nesta época, foram criadas cinco cooperativas em todo o distrito de Marracuene. Em 1981, buscando a resolução de problemas em comum, as cinco cooperativas de Marracuene decidiram se juntar e formar aquilo que se chamou de Comissão. A missão de tal comissão era desenvolver um trabalho organizativo e preparatório para Assembleia Constitutiva da UCAM, que veio a realizar-se em 1985. Actualmente, o movimento de camponeses em Marracuene é constituído por cerca de 5.000 membros, os quais estão enquadrados em 29 associações e uma união distrital, a UCAM.

Esta organização, trabalha com os agricultores organizados em associações, beneficiando-os através de projectos financiados maioritariamente pela ACTIONAID em assistência técnica para produção, insumos agrícolas e maquinaria. Realiza feiras para divulgação das actividades feitas pelas associações e Workshops para capacitar as associações em matérias pontuais de interesse socioeconómico para as comunidades rurais como a questão da adaptação às mudanças climáticas,

questões de Género, de meio-ambiente, saúde pública. Realiza Workshops de troca de experiências entre as associações dentro e fora da província de Maputo como por exemplo com a ADCR, com o objectivo de transportar práticas agrícolas sustentáveis e adaptáveis às condições de cada região ou comunidade, quer a nível de tecnologias, quer bem como das exigências do clima. Com uma equipa de profissionais no ramo da Agricultura e áreas afins, a UCAM capacita também as associações em matéria de organização, para que estas possam ter uma autonomia na gestão de seus recursos e actividades. Actualmente, UCAM trabalha com 29 (vinte e nove) associações que sendo que destas, quatro beneficiam do fundo directo do doador (ACTIONAID) para os seus projectos agrários, sendo que as restantes, também continuam recebendo apoio em termos de assistência técnica.

2.8. Mecanismo de Adesão às Associações

As associações agrícolas de Marracuene são organizações da sociedade voltadas para a ajuda mútua e para união das energias individuais dos pequenos produtores para produzir um bem comum maior. Localizadas junto às zonas de produção, normalmente estas são formadas por agricultores da mesma região, mas independentemente de possuir ou não a residência fixa no local onde estas se encontram, qualquer pequeno produtor pode aderir à associação, mediante a aprovação do seu pedido de adesão pelo presidente, com a concordância dos demais membros. Cada membro tem imediatamente o direito a uma parcela individual de terra para produzir as suas culturas, tendo também que trabalhar de vez enquanto na machamba colectiva da associação.

2.8.1 Papel da UCAM nas Associações

A UCAM, como organização sem fins lucrativos, responsável pelo fomento da actividade agrícola do sector familiar, respondendo pelos interesses dos produtores, tem servido de alicerce para centenas de produtores da região bem como das famílias que dependem desta actividade para a sua subsistência. Esta organização busca apoios de parceiros e doadores nacionais e internacionais e elabora projectos para enquadrar todos os produtores e suas associações de entre as várias actividades tais como se destacam:

- Capacitação dos produtores em técnicas sustentáveis e pouco dispendiosas para o cultivo;
- Canalização de assistência técnica durante as campanhas agrícolas para garantir melhores resultados aos agricultores;

- Realização de feiras para exposição, troca dos produtos agrícolas, troca de experiências entre agricultores de regiões diversas;
- Elaboração, implementação e monitoria de projectos de desenvolvimento agrário na região;
- Capacitação das associações em matéria de cultura organizacional para que estas possam se auto-gerir de maneira sustentável;
- Capacitação dos agricultores e da população no geral em matérias de interesse social como meio-ambiente, género e mudanças climáticas por via de palestras, Workshops e seminários;
- Auxílio aos agricultores para aquisição de DUAT's para as terras onde praticam a agricultura.

2.9. Estrutura das Associações

As associações agrícolas do distrito de Marracuene são formadas a nível local, por pequenos produtores maioritariamente provenientes da mesma zona onde as mesmas estão localizadas, possuindo um número indeterminado de membros por cada. Nalguns casos, alguns dos associados são de outras localidades, podendo ser enquadrados nas associações mediante a aprovação pelo presidente e posterior apresentação dos mesmos aos restantes membros da associação.

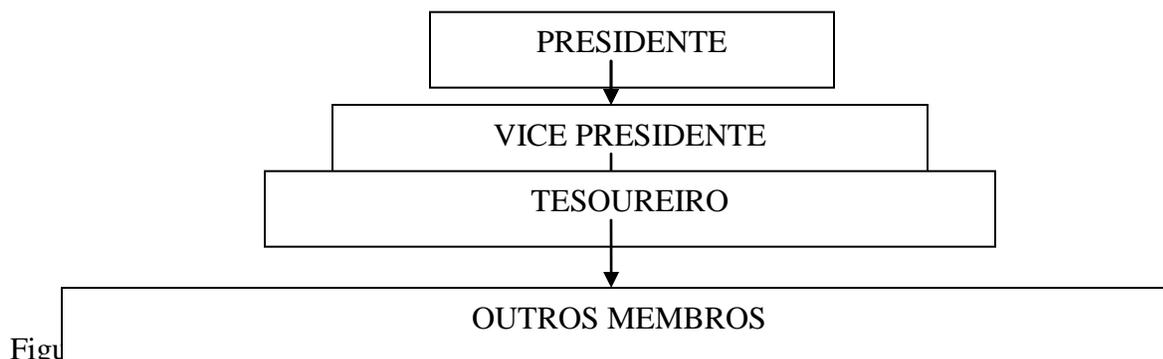
A cada um dos membro das associações, é lhe atribuída uma parcela de terra pertencente a associação, para realizar as suas actividades agrícolas comprometendo-se a não cede-la a terceiros, o que pode levar à perda do direito de usufruir do espaço. No caso por exemplo das quatro associações que se beneficiam de projectos da ACTIONAID, os membros têm de produzir segundo as exigências do projecto do qual se beneficiam, no caso agricultura orgânica, onde estes usam o reaproveitamento da matéria orgânica produzida nos campos para a adubação, utilizam práticas de conservação dos solos com capim e outros produtos de origem vegetal, reduzindo, deste modo, o nível de poluição atmosférica e do lençol aquático com fertilizantes químicos, bem como o uso de sementes de variedades locais por se adaptarem melhor às condições do clima local sem muita necessidade de uso de produtos químicos e de irrigação.

As associações têm autonomia total para tomada de decisões, elaboração e implementação de regulamentos internos e realiza encontros regulares para debater os problemas enfrentados por cada um e pelo colectivo na realização das actividades. Estas também, mantém um encontro mensal com a UCAM onde os representantes de cada associação reúnem-se com a equipe técnica desta

organização para fazer um balanço das actividades por eles realizadas e apresentar os problemas vividos para tentar buscar acima de tudo, aconselhamento técnico para solucionar tais problemas.

Cada membro das associações paga cotas anuais à sua associação. O dinheiro das cotas é usado para aquisição e manutenção de alguns insumos agrícolas, sementes, para pagar o aluguer da maquinaria usada para a abertura de canais de escoamento das águas do rio e das chuvas para a irrigação dos campos, entre outras actividades que beneficiam o colectivo.

A nível de hierarquia, estas associações apresentam a seguinte estrutura:



Fonte: Concebido pelo autor do estudo

2.9.1. Funções dos Membros:

- **Presidente**

Tem a função de orientar e organizar a associação para o processo produtivo, convocar reuniões com os membros em caso de necessidade e mediar possíveis conflitos internos entre os membros das associações. Eleito por unanimidade pelos membros da associação, este tem também a função de representa-los e fazer chegar suas preocupações em caso de visitas do governo, de parceiros ou nas reuniões de balanço das actividades na UCAM.

- **Vice-Presidente**

Auxilia o presidente na realização das suas tarefas na associação, podendo também representá-lo nalgumas ocasiões. Desempenha também o papel de conselheiro do presidente das associações.

- **Tesoureiro**

Assume responsabilidades ligadas à gestão dos valores monetários colectados inerentes ao pagamento de cotas e à comercialização dos produtos da machamba colectiva da associação.

- **Ouros membros**

Fazem parte, o corpo da associação no geral. Desempenham em conjunto com o presidente, o vice-presidente, o tesoureiro, todas as tarefas ligadas a produção. Elegem os seus representantes, participam em todas as reuniões, contribuem com trabalho e ideias, assumem responsabilidades e possuem um papel totalmente activo na organização.

CAPITULO III: METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1. Descrição da área de estudo

O distrito de Marracuene situa-se na parte oriental da Província de Maputo, a 30 km Norte da cidade de Maputo, entre a latitude de 25⁰ 41'20'' Sul e longitude 32⁰ 40'30'' Este.

Este distrito é atravessado no sentido Norte-Sul ao longo de uma extensa planície pelo rio Inkomáti que vai desaguar no Oceano Índico. Possui como limites, a Norte o distrito de Manhiça, a Sul a Cidade de Maputo, a Oeste o distrito de Moamba e a cidade da Matola, e a Este, este é banhado pelo Oceano Indico. Tem uma superfície de 703 km², com uma divisão administrativa correspondente a dois postos administrativos, nomeadamente: Marracuene Sede e Vila de Marracuene, e as Localidades Sede de Michafutene e Nhongonhane; o posto administrativo de Machubo, com duas Localidades: Taula e Macandza. Possui uma população de 41.677 habitantes recenseada em 1997, estimando-se até a data de 1/1/2015 para cerca de 60.471 habitantes, sendo a população jovem (abaixo dos 15 anos de idade) estimada em 41%.

Possui um clima predominantemente tropical chuvoso e de savana, influenciado pela proximidade do mar. Caracteriza-se por temperaturas quentes sendo que a temperatura média anual, é superior aos 20 °C. A humidade relativa varia entre 55 a 75% e a precipitação possui uma média anual de 500

mm no interior e 1000 mm no litoral. A estação chuvosa vai de Outubro a Abril, com 60 a 80% da pluviosidade concentrada de Dezembro a Fevereiro.

Quanto ao relevo, a zona alta do distrito é constituída a ocidente e ao longo da costa por sedimentos arenosos eólicos com ocorrência de areias siliciosas. A planície ao longo da costa possui solos argilosos, estratificados e tufosos.

Este distrito possui como base da economia, a agricultura, com as hortícolas, o arroz, o milho, a mandioca, a batata-doce e as bananas como as principais culturas praticadas maioritariamente em regime de consorciação de culturas e com base em variedades locais. Na pecuária, verifica-se a predominância de espécies de gado bovino, caprino, suíno e de aves com o propósito de consumo familiar e comercialização.

3.2. Metodologia

O presente trabalho foi realizado em duas etapas fundamentais, nomeadamente, o de pesquisa e colecta de informações e a análise de dados:

A primeira etapa foi materializada junto da UCAM, onde foi possível obter dados relacionados com o historial de produção das associações, número de associações existentes na região assim como uma população aproximada de beneficiários destas associações e dos projectos levados a cabo pela UCAM e seus parceiros. Foram feitas também entrevistas aos técnicos da UCAM e líderes das associações para nos informarmos acerca dos critérios e meios para formação e adesão de potenciais candidatos às associações, assim como que papel a UCAM tem desempenhado no seio das mesmas. Foram também feitas visitas diárias aos campos das associações para um contacto directo com os agricultores, onde foram entrevistados alguns agricultores que fizeram parte da mostra em cada uma das quatro associações ligadas a UCAM, que fazem parte do projecto de desenvolvimento agrícola financiado pela ACTIONAID.

A segunda etapa, compreendeu a análise e comparação das informações colectadas no campo, e o emprego dos métodos de acordo com os padrões definidos pela natureza da pesquisa para a retirada das conclusões e respectivas recomendações e compilação do relatório final.

3.3. Indicadores do Impacto

3.3.1. Indicadores Sociais:

- Transformações geradas pelas associações no modo de vida das comunidades onde estas estão inseridas;

3.3.2. Indicadores Económicos:

- Aumento da produção; Acesso aos mercados para comercialização dos produtos; Geração de renda; Redução das perdas de culturas.

3.4. Métodos que Proporcionam a Base da Investigação

a) Revisão literária: Foi útil na definição de certos conceitos relacionados com o associativismo, seus princípios, historial e aspectos ligados a legislações e a situação do associativismo em Moçambique, através de literaturas e estudos que tratam deste tema.

b) Pesquisa na internet: Foi útil para levantamento de informações adicionais para a revisão literária, assim como na identificação de outros instrumentos que fossem necessários para o estudo como os mapas para localização do distrito e das zonas de produção.

c) Método Indutivo: Neste método, como explica LAKATOS & MARCONI (2001), observou-se atentamente certos fatos ou fenómenos no campo, a seguir, passou-se para o agrupamento dos fatos ou fenómenos da mesma espécie, segundo a relação constante que se nota entre eles, para chega-se a uma classificação, fruto da generalização da relação observada.

3.5. Técnicas e Procedimentos Usados para a Recolha de Dados

3.5.1. Técnicas de recolha de dados

a) Observação directa: com esta técnica foi possível observar as diferentes culturas produzidas nas associações, a maneira como os agricultores produzem e como se organizam nas suas pequenas associações e algumas dificuldades por eles enfrentadas na actividade.

b) Inquérito: Em que fez-se a sistematização da colecta de dados em relatos dos, técnicos do SDAE, da UCAM, agricultores, outros.

c) Entrevista: A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

É um procedimento utilizado na investigação social, para a colecta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Os tipos de entrevista usados nesta pesquisa para obtenção de informações junto aos produtores e aos técnicos que trabalham com eles foram:

i. Padronizada ou Estruturada

Segundo LAKATOS & MARCONI (2001) neste tipo de entrevista, o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efectuada de preferência com pessoas seleccionadas de acordo com um plano. O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo "que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem reflectir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas" segundo LODI, (1974) citado por LAKATOS & MARCONI (2001). O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas.

ii. Entrevista Despadronizada ou não Estruturada

Segundo LAKATOS E MARCONI (2001), neste tipo de entrevista, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direcção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

Ainda de acordo com ANDER-EGG (1978) citado por LAKATOS E MARCONI (2001), esse tipo de entrevista, segundo, apresenta três modalidades:

▪ **Entrevista focalizada**

Onde há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessária habilidade e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta.

▪ **Entrevista clínica**

Trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas. Para esse tipo de entrevista pode ser organizada uma série de perguntas específicas.

- **Não dirigida**

Neste tipo, há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.

3.6. Amostragem e Tamanho da Amostra

Amostragem é a operação que consiste em tomar um certo número de elementos (ou seja, uma amostra) no conjunto dos elementos que queremos observar ou tratar (população) segundo D-HAINAUT L (1997). Para a realização do presente trabalho, usou-se a amostragem probabilística aleatória simples. De acordo com INÁCIO (2003), este é um método de seleção probabilística em que na seleção da amostra composta por “n” unidades, todas as possíveis combinações teriam iguais oportunidades de serem selecionadas, podendo ser feita por meio de sorteios, usando programas geradores de números aleatórios.

3.6.1. Definição da Amostra

Para LAKATOS & MARCONI (2001) amostra é uma parcela convenientemente seleccionada do universo (população); é um subconjunto do universo.

O tamanho da amostra para esta pesquisa, foi definido de acordo com MATAKALA & MACUCULE (1998). Segundo os estes, a amostra para o estudo depende do número total da população, usando-se 15% da população, se a população total abrangida for igual ou inferior a 100 e 10% no caso desta estiver no intervalo de 100 a 500 ou ainda 5% se esta for superior a 500. Para este estudo, o tamanho global da amostra foi de 78 agricultores das associações.

CAPÍTULO IV: RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Identificação das Associações

Para o presente estudo fizeram parte quatro associações que estão directamente ligadas UCAM, num projecto de desenvolvimento agrícola, são elas: Associação Alfredo Namitete com 300 agricultores, Telmina Pereira com 230, 7 de Abril com 85 e 13 de Fevereiro com 80. Estas associações, beneficiam no momento de um projecto de agricultura orgânica que conta com o financiamento da ACTIONAID, parceiro oficial da UCAM. As associações que estão enquadradas neste projecto, beneficiam de apoio directo em termos monetários para aquisição de insumos, motobombas para irrigação, apoio jurídico como por exemplo para legalização do DUAT, de entre outras finalidades. Para este projecto, os agricultores beneficiários, tem de produzir segundo os princípios da agricultura orgânica que lhes é imposta pelo doador. Para tal, os agricultores contam com assistência técnica desde o início até ao fim das campanhas agrícolas disponibilizada pela da UCAM. Para além da agricultura orgânica, os produtores também beneficiam de capacitações em matéria de nutrição, para poderem saber como balancear a sua dieta com o que produzem nos seus campos, incentivo para a produção e uso da semente nativa pelo seu poder de adaptação às condições extremas de uma agricultura dependente pelas condições da natureza.

Do inquérito dirigido aos agricultores, numa amostra global de 78, para estudar sobre a composição das associações, foi possível constatar que a maioria destes (53), que corresponde a (68%) em função da amostra, são do sexo feminino, contra os restantes 25 do sexo masculino, correspondentes a (32%). Segundo opiniões dos entrevistados, a presença de mais mulheres em relação aos homens nesta actividade, deve-se a preferência dos homens em se deslocar para as áreas urbanas em busca de emprego. A faixa etária mais evidente, era de adultos e idosos. 21 agricultores entrevistados, correspondentes a (27%) eram jovens com idades compreendidas entre os 11 a 30 anos de idade e os restantes 57, que correspondem a (73%), tinham idades correspondentes entre os 31 aos 60 anos. Segundo todos os jovens entrevistados, as razões por detrás da ausência de jovens nesta actividade, devem-se também as deslocações para a cidade em busca de empregos remunerados, pois no campo, estes trabalham apenas nas machambas dos pais para produzir alimentos para as famílias, sem ter uma remuneração. De acordo com Dotto (2011), este êxodo rural em busca de empregos fora da actividade agrícola, tem como consequência, a chegada nas cidades de uma grande quantidade de

jovens com preparo insuficiente para competir no mercado de trabalho urbano, com reflexo notado no envelhecimento dos produtores da agricultura familiar.

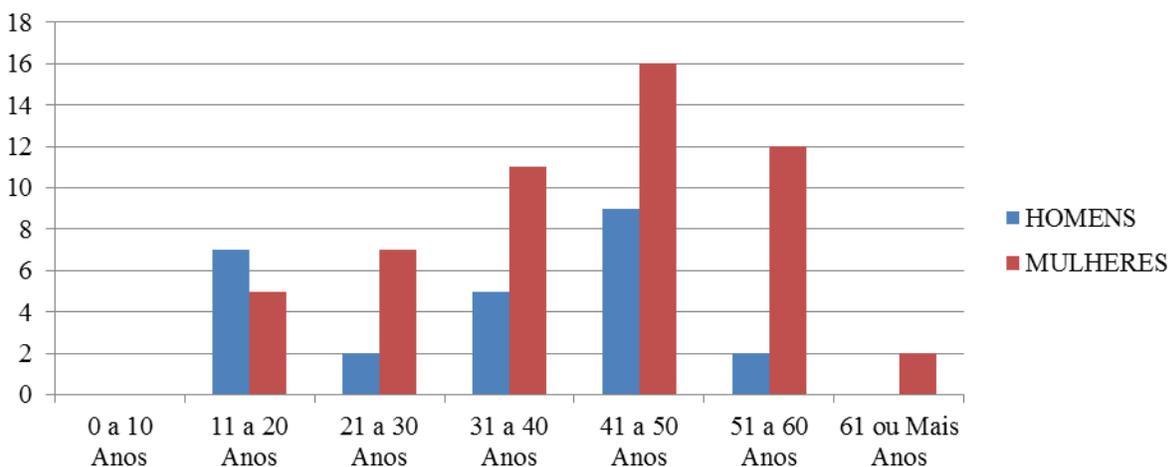


Gráfico 1: Comparação de idades e sexos dos agricultores associados

No que compreende ao estado civil da população correspondente a amostra, foi possível constatar que apenas 16 dos entrevistados correspondentes a (20.5%) eram solteiros, 13 eram divorciados, correspondendo a (16.7%) da amostra, 38, casados, correspondendo a (48.7%), maioria destes não oficialmente pelo facto de nas comunidades rurais haver a predominância de casamentos tradicionais e os restantes 11 (14.1%) viúvos. De acordo com os entrevistados, não existe nenhuma relação entre o estado civil destes e a opção pela prática da agricultura ou a adesão às associações

A maioria dos agricultores, não é escolarizada. Sendo que 63 (80.8%) da amostra, não possui alguma escolarização porque não teve oportunidade de frequentar o sistema de ensino formal ou não tem informação sobre como e onde frequentar por exemplo aulas de alfabetização e os restantes 15 (19.2%) da amostra, possuem apenas o nível primário ou frequentaram aulas de alfabetização porque apesar de não terem frequentado o ensino desde pequenos, ingressaram a posterior por terem tido oportunidade, meios e informação sobre como o fazer. De acordo com SOUZA *et al* (2011), estudos de CONCEIÇÃO *et al.* (2006) e VICENTE (2002) indicam o impacto positivo das variáveis de capital humano, tais como escolaridade e experiência, na adopção e intensidade de adopção de tecnologias agrícolas. Pelo que, o nível de escolarização pode ser um factor que contribui negativamente para o sucesso da actividade agrícola em termos de adopção de novas tecnologias.

Os números de membros da família para cada agricultor entrevistado oscilam, sendo que 14 dos entrevistados (18%) possuem de 1 a 3 membros de família, 39 (50%) possuem 4 a 7 membros, 25 (32%) possuem entre 11 a 13 membros de família. Segundo dizem os agricultores, a existência de mais famílias com maior número de membros deve-se a predominância de famílias alargadas na zona rural. Quanto às famílias com menor número, os entrevistados justificaram por via da desfragmentação por causa dos matrimónios de seus filhos e ao êxodo rural.

Todos os entrevistados (100%) afirmaram que cada agricultor membro das associações possui uma parcela de terra que foi-lhe atribuída pela associação para desenvolver suas actividades individuais. Mas para além disso, as associações possuem cada uma, uma machamba colectiva onde todos os agricultores trabalham na produção colectiva da associação. Sendo que nesta parcela, os ganhos obtidos são para divisão pelo colectivo.

Quanto ao processo de tomada de decisões, todos entrevistados (100%) afirmaram que este é feito por meio de uma assembleia, orientada pelo presidente e conselheiros ou nas reuniões dos membros das associações mediante a aprovação por unanimidade. As culturas a serem produzidas são decididas em função das épocas e das necessidades de mercado, sendo que por vezes estes produzem uma certa cultura em determinada parcela pelas exigências dos projectos de desenvolvimento agrícola implementados no local. Afirmaram ainda que o destino da produção individual é determinado por cada produtor, sendo que a produção da machamba colectiva, é repartida por igual e em caso de ser comercializada, os lucros obtidos são divididos por igual pelos associados ou alocados para realizar actividades que beneficiem a toda associação. Ainda segundo estes, durante as épocas de cultivo, recebem assistência técnica por parte da UCAM e do SDAE local. A UCAM, aloca técnicos para implementarem seus programas de desenvolvimento agrícola e assistirem a produção durante toda a época, capacita aos agricultores e canaliza recursos materiais para garantir maior sucesso das actividades agrícolas.

Todos os agricultores entrevistados (100%), manifestaram satisfação para com a presença das associações. Para estes, as associações lhes permitem desenvolver actividades que não seria capazes de desenvolver sozinhos, levando a sua produção de uma simples agricultura de subsistência para um nível em que reúnem capacidades para fornecer seus produtos ao mercado o que não seriam capazes de realizar individualmente. A este respeito, escreveu LEONELLO (2010), que o associativismo se apresenta como responsável pelo desenvolvimento local e social, e como

construtor de vínculos sociais e identidade colectiva diante da crise do mundo do trabalho, que também é a crise social, uma crise dos vínculos sociais. Ainda segundo SMART & HANLON (2014), quando os camponeses actuam como singulares, os compradores não têm dificuldades em predeterminar os preços, de acordo com as suas conveniências, mesmo que isso signifique frustrar os interesses do produtor.

Ainda segundo todos entrevistados (100%), para além da agricultura, dos workshops de intercâmbio e troca de experiência, e palestras sobre assuntos de interesse social, as associações, junto da UCAM, estão a desenvolver projectos de avicultura para diversificar a dieta alimentar e gerar renda com a comercialização das aves no mercado.

4.2. Relação entre as formas de organização dos membros das associações para a produção e a e os níveis de produção obtidos

4.2.1. Aumento da produção

Os rendimentos obtidos mensurados por cada campanha agrícola, tendem a evoluir. Nas palavras de 64 agricultores (82%), isso deveu-se a introdução de culturas tolerantes a seca, sementes de variedades locais, sementes melhoradas nalguns casos, técnicas de adubação orgânica e alguns incrementos de insumos e sistema de rega porque permitiram melhorar as suas técnicas de cultivo, e expandir as áreas, para além de reduzir as perdas e outros 10 (13%), afirmam que em suas associações, o fortalecimento da união entre os membros contribuiu para a melhoria dos rendimentos agrícolas por causa da ajuda mútua entre os associados que beneficia sobretudo a quem não tinha condições assim como pela troca de experiências entre os associados, transmissão de experiências dos produtores melhor sucedidos em épocas agrícolas anteriores, sendo que para os restantes 4 (5%), o incremento da produção só foi possível graças ao acompanhamento dos técnicos agrícolas, pois sem estes, não saberiam conduzir a produção segundo as exigências de cada cultura que produzem por não reunirem conhecimentos técnicos para tal. De acordo com LIMA *et al* (2009), a assistência técnica e a Extensão Rural têm um papel fundamental no diálogo entre os centros de pesquisa agropecuária e o mundo rural, contribuindo activamente no que diz respeito aos processos de desenvolvimento local.

53 agricultores (68%), afirmaram que as associações foram determinantes para aumentarem a sua produção individual. Nas palavras destes, antes de fazerem parte das associações, produziam

maioritariamente culturas destinadas a subsistência familiar como o milho, amendoim, feijão nhemba, mandioca e algumas hortícolas em pequena escala por falta de conhecimentos técnicos e condições financeiras. Mas com o surgimento das associações, passaram a ter ajuda e conhecimentos técnicos e apoio que lhes permitiu adoptar algumas culturas de muita procura no mercado, como a cenoura, a batata-reno, a beterraba, o feijão-verde, a couve, o repolho, entre outros. Também falam de melhoramento de algumas práticas culturais como a conservação dos solos e a inserção de culturas resistentes e sementes de variedades locais, que lhes permitiram obter ganhos mais visíveis em termos de quantidades e reduzir em certa medida os custos. Para os restantes 25 (32%), a produção tem oscilado de boa para razoável em cada época agrícola por causa do ataque de pragas e disponibilidade de recursos para incrementar a produção. A ausência de mecanização como resultado da falta de condições financeiras e de acesso a crédito bancário para incrementar a produção, são outras dificuldades apontadas pelos agricultores, associadas aos rendimentos. Para SOUZA *et al* (2011), o principal obstáculo apontado na actividade agrícola, é a carência de recursos e o baixo nível de capitalização dos produtores.

Ainda sobre os rendimentos agrícolas dos agricultores associados, foi possível monitorar a evolução da produção nas quatro associações, nas campanhas agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016, de acordo com as tabelas (2 a 5) e os gráficos (3 a 6) disponíveis nos anexos.

4.2.2. Acesso Aos Mercados Para Comercialização Dos Produtos

No que concerne ao acesso aos mercados, tem se levantado muitas vozes reclamando por parte dos produtores. Estes no geral (100%) dos entrevistados, reclamam de condições de transporte para por os seus produtos no mercado e reclamam dos preços muito baixos que têm sido obrigados a praticar para os compradores que levam a sua produção para fornecer aos grandes mercados. Contudo, na voz destes a UCAM tem vindo a promover feiras sobretudo em épocas de colheitas, não só para a comercialização dos produtos e troca de experiências entre as diferentes associações atrair a atenção dos produtores e outras individualidades que possam estar interessadas implementar projectos de desenvolvimento da actividade agrícola na região. Em paralelo, o SDAE local também tem realizado feiras agrícolas. Segundo SDAE (2015), no quinquénio 2010-2014 foram realizadas 1.300 feiras de comércio agrícola semanais comparadas as anteriores 1.168 feiras do quinquénio 2005-2009. Foram também realizadas no quinquénio 2010-2014, 15 feiras de venda de insumos agrícolas, comparadas

às 10 feiras do quinquénio anterior e 6.000 famílias beneficiadas, contra 4.000 famílias no quinquénio (2009-2014).

Todos os agricultores entrevistados (100%) afirmam que as feiras são de grande utilidade pois para além de divulgarem os seus produtos, afirmam por unanimidade que conseguem em eventos desta natureza, colher aprendizado com outros produtores mais experientes, o que cria neles, em certa medida, um espírito de competitividade que motiva a produzirem cada vez mais e melhor.

4.2.3. Geração de renda

Como foi mencionado nos parágrafos anteriores, e de acordo com dados fornecidos pelo SDAE (2015), o sector familiar tem sido o maior contribuinte na produção agrícola do Distrito de Marracuene no geral. Pelo que os pequenos produtores locais desempenham um papel bastante importante não só para a sua subsistência mas também para a economia local e para disponibilização de alguns bens alimentícios tanto para esta região em particular, como também para as zonas circunvizinhas.

62 agricultores das associações, (79.5%) afirmaram que não possuem outras fontes de renda, pelo que buscam na agricultura a sua subsistência familiar e o dinheiro de que necessitam para adquirir outro tipo de bens bem como para pagar outras despesas incluindo a educação dos filhos. Outros 16 (20.5%) mencionaram pequenas actividades comerciais e empregos sazonais e de baixa renda.

53 agricultores (68%), manifestaram terem desenvolvido uma capacidade para adoptar algumas culturas de alto valor no mercado, como a cenoura, a batata-reno, a beterraba, o feijão verde, a couve, o repolho. Por outro lado, manifestaram insatisfação com o nível de ganhos obtidos com a comercialização dos produtos, afirmando que pelos preços praticados e pela incidência de pragas e doenças nas culturas e por alguns roubos verificados nas machambas, por vezes só conseguem cobrir os gastos para a produção, sem gerar algum lucro. Para os restantes 25 (32%), a produção tem oscilado de boa para razoável em cada época agrícola, com os produtos agrícolas, conseguem alimentos para a família, porém não exercendo grande influência na sua renda familiar devido aos baixos rendimentos nalguns casos e aos baixos preços praticados para os revendedores, pelo medo de ficar com os produtos a estragarem-se nas machambas.

4.2.4. Redução das perdas de culturas

Como foi mencionado em parágrafos anteriores, os rendimentos obtidos mensurados por cada campanha agrícola, tendem a evoluir a medida em que se reduz as perdas de culturas, resultado da introdução de culturas tolerantes a seca, sementes de variedades locais, sementes melhoradas nalguns casos, técnicas de adubação orgânica e alguns incrementos de insumos, sistema de rega e combate às pragas e infestantes. Nas palavras de 73 agricultores (94%), por vezes chegavam a perder mais que a metade de um canteiro para as hortícolas por exemplo como resultado de ataque de insectos e outras pragas. Tendo agora reduzido para níveis em que conseguem colher 100% do que se plantou por cada canteiro como fruto dos incrementos acima mencionados. Para os outros 5 (6%), as perdas tendem a aumentar em consequência de mudanças climáticas e queda irregular das chuvas.

4.2.3. Constrangimentos Enfrentados Pelas Associações

a) Acessos aos mercados para venda das colheitas

Todos os entrevistados (100%), afirmaram que enfrentam grandes dificuldades para comercializar seus produtos. A raiz das dificuldades surge na falta de transporte para canalizar a produção para as zonas de comercialização. Que limita os produtores a dependerem dos revendedores que procuram os produtos junto as machambas para encaminharem e comercializarem em grandes mercados.

b) Fraco poder de decisão para fixação dos preços

Segundo todos os entrevistados (100%), no ato da comercialização, muitas vezes os produtores não tem um papel decisivo na fixação dos preços, aplicando preços que favorecem aos compradores. O que reduz ou anula os lucros.

c) Falta de mecanismos eficazes de conservação e armazenamento da produção

63 dos agricultores (80.8%), afirmaram que muitas das vezes acabam vendendo os seus produtos, sobretudo os legumes a preços baixos só para evitar ter que permanecer com os mesmos nas suas machambas até acabarem deteriorando-se. Os restantes 15 (19.2%), mencionaram ter contactos para fornecimento sobretudo no mercado do Zimpeto ainda em Maputo pelas relações informais que estes

mantem com os compradores estando ainda infelizes quanto aos preços praticados para a venda dos produtos. A necessidade de vender com urgência os produtos acaba influenciando também nos preços baixos aplicados no acto da venda que não favorecem os lucros obtidos.

d) Ausência de mecanização

De acordo com todos entrevistados (100%), uma das grandes inquietações dos produtores desta região é a ausência de maquinaria para lavrar a terra. De acordo com as opiniões dos entrevistados, se houvesse algum grau de mecanização, estes poderiam produzir o dobro ou ainda mais do que produzem. Além disso, veriam o seu esforço físico minimamente reduzido de lavrar um solo argiloso com recurso a enxadas de cabo curto.

e) Dependência pelas condições do clima

Para todos os entrevistados (100%), a dependência pelas condições do clima, constitui uma grande limitação para esta actividade. Tem se observado recentemente a uma mudança das condições climáticas que afecta em parte a determinação da época das sementeiras tal como afirmam alguns dos entrevistados. Além disso, para estes, a existência de um sistema de rega e de armazenamento das águas do rio Inkomáti que circula nas regiões baixas onde estes produzem, traria grande aumento dos seus rendimentos, visto que a rega artesanal não chega para satisfazer a exigência de algumas culturas e ao mesmo tempo cobrindo vastos hectares de terra. Também, por vezes a água do rio Inkomáti que chega até as zonas baixas, seca. Neste caso, um sistema de armazenamento da mesma teria bastante utilidade.

f) Conflitos internos entre os associados

Segundo 57 entrevistados (73%), alguns conflitos internos entre os associados aliados a alguma fraca capacidade de solução dos mesmos junto aos líderes e demais membros, acaba afectando negativamente as relações de convivência entre estes e contribuindo para que alguns dos associados optem por vezes por desistir da actividade. Para os outros 21 (27%), os conflitos não são um grande desafio, uma vez que são resolvidos na presença de todos nas reuniões dos associados.

4.3. Transformações geradas pelas associações agrícolas nas comunidades onde elas estão inseridas.

Os agricultores entrevistados para apurar os resultados da presente pesquisa manifestaram satisfação com os ganhos que conseguiram com a organização em associações, principalmente no que diz respeito a renda familiar e ao alargamento das possibilidades com a renda gerada pela comercialização dos excedentes agrícolas que gera uma mudança conjuntural na sua maneira de viver, na diversificação da dieta alimentar, na aquisição de produtos de primeira necessidade e na educação formal acima de tudo dos filhos. Em termos numéricos, 62 agricultores entrevistados, (79.5%) afirmaram que conseguem buscar na agricultura a sua subsistência familiar e o dinheiro de que necessitam para adquirir outro tipo de bens bem como para pagar outras despesas incluindo a educação dos filhos. Outros 16 (20.5%) mencionaram pequenas actividades comerciais e empregos sazonais que contribuem para a melhoria das suas condições de vida e de habitação. A respeito dos benefícios da presença das associações fora da actividade agrícola, 67 (86%) responderam que as associações fortalecem o convívio e as relações interpessoais entre os membros que na sua maioria são vizinhos ou residem em zonas muito próximas. Referiram-se as associações como uma forma de administração local, na medida em que nas suas reuniões, alguns membros expõem preocupações individuais de todas naturezas e buscam apoio dos líderes e dos outros membros para a sua solução. A este respeito, segundo GANANCA (2006) citado por ROSA (2012) as associações civis teriam um papel importantíssimo. Além de estimularem o convívio democrático entre indivíduos aplainando posições divergentes dentro de certos grupos sociais, seriam estruturas responsáveis pela geração de um ambiente social e confiança mútua. As associações seriam espaços de cooperação e educação cívica e de interacção entre iguais. Outros 11 agricultores (14%) falaram de outros benefícios advindos das associações. Para estes, estarem inseridos num grupo, orientado para o desenvolvimento socioeconómico colectivo já é um grande privilégio social. 53 agricultores (68%), afirmaram que conseguiram colocar ou manter os filhos no sistema de educação formal graças a renda gerada pelas actividades agrícolas junto às associações, o que constitui um marco para a transformação social das comunidades com a escolarização da camada juvenil enquanto que 25 agricultores (32%) afirmaram que devido aos custos com material didáctico e por vezes com transporte para os filhos se deslocarem para a escola, associado a elevado numero de filhos, apenas

conseguem meter alguns na escola por vezes só nos primeiros níveis (ensino primário), sendo que a posterior estes não conseguem remunerar a continuidade dos estudos. 14 agricultores (18%) mencionaram ainda outras actividades como o sistema de poupança inforal “Xitique” entre alguns membros das associações que contribuem para a aquisição de muitos bens que estes não possuem renda suficiente para adquirir, incluindo material de construção usado para as suas residências.

CAPITULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. Conclusões

Do presente estudo, conclui-se que as associações agrícolas, constituem uma grande vantagem para os produtores agrícolas do sector familiar, no Distrito de Marracuene. Segundo todos entrevistados (100%), individualmente, as suas possibilidades ficam limitadas, quer seja por falta de conhecimentos técnicos ou condições financeiras que estes conseguem juntando o esforço e recursos escassos de cada um, individualmente.

Muitos produtores locais conseguiram (nas palavras de 53 agricultores entrevistados, correspondentes a 68% da amostra), transformar a agricultura de subsistência numa actividade que gera renda, graças a união em pequenas associações. Para os restantes 25 (32%), ao andar dos tempos, algumas destas organizações acabam entrando em colapsos que contribuem para as oscilações negativas na produção e desistência de alguns membros por questões de conflitos internos, por vezes mal sancionados pelos representantes destas agremiações.

A nível de rendimentos obtidos na produção das quatro associações que serviram como objecto do presente estudo, foi possível verificar que algumas oscilações negativas na produção, ao longo dos anos, como ilustram os gráficos e tabelas (2 a 5). Porem, apesar dos desafios enfrentados no processo produtivo, a agricultura continua sendo uma actividade de grande importância para os agricultores associados. 62 agricultores entrevistados (79.5%) afirmaram que mesmo não possuindo outras fontes de renda, conseguiram transformar a agricultura numa actividade que gera renda. Outros 16 (20.5%) mencionaram outras actividades para suportar suas despesas, todavia, todos manifestam o desejo pela expansão das actividades para um nível mais voltado para o comércio, como forma de melhorar seu nível de vida com os ganhos obtidos nesta actividade.

Todos agricultores inqueridos para a pesquisa, afirmaram que não possuem todas as condições mais adequadas para a prática da agricultura. 15 agricultores (19%) afirmaram que possuem condições para produzir apenas culturas como hortícolas para fornecer o mercado em pequena escala, 35 (45%) afirmaram que possuem condições para praticar a agricultura, dependendo das condições do clima como o caso da chuva, estando limitados pelo dinheiro para compra de sementes, fertilizantes, insecticidas. Outros 28 (36%), disseram que sem a ajuda das associações, não possuem condições para cultivar hortícolas e outras culturas destinadas ao comércio, voltando-se para a produção de raízes, tubérculos e alguns cereais para consumo doméstico. Todos os membros das associações,

contam com alguns apoios disponibilizados pelo projecto da UCAM, como o caso de motobombas para irrigação acima de tudo para os produtores de hortícolas e leguminosas, assim como de assistência técnica que é limitada, pelo que seria de grande utilidade, parcerias com o SDAE local na alocação de técnicos agrários para assistirem aos produtores.

De acordo com todos os agricultores, as técnicas de cultivo por eles usadas estão atrasadas para as exigências dos dias de hoje, quer seja em padrões de qualidade do que se produz, como também em insumos e outros meios que lhes permitam cobrir extensas áreas de cultivo para garantir maiores e melhores colheitas. Nas palavras de todos os agricultores entrevistados (100%), “seria possível produzir em extensas áreas de terra se houvesse alguma mecanização da agricultura e sistemas de regadio, bem como de drenagem e armazenamento das águas do rio Inkomati, também como forma de evitar o alagamento dos campos nas épocas bastante chuvosas. Neste caso, a construção de infra-estruturas de armazenamento e conservação dos produtos, revelar-se-ia por sua vez uma mais-valia para a redução das perdas de produtos após a colheita.

A questão de acesso aos mercados, mostra-se uma grande preocupação. Segundo 63 agricultores (80.8%), muitas das vezes acabam vendendo os seus produtos, sobretudo os legumes a preços baixos só para evitar ter que permanecer com os mesmos nas suas machambas até acabarem deteriorando-se. Os restantes 15, (19.2%), mencionaram ter contactos para fornecimento, contudo continuam reclamando da questão dos preços praticados, alegando que possuem fraco poder de decisão perante aos compradores que adquirem estes produtos para revenda.

A presença dos jovens nesta atividade (que são a maioria da população ativa do país), é diminuta nesta região, sendo que dos entrevistados, apenas 21 (27%) eram jovens devido ao êxodo rural e a busca de empregos com remuneração (de preferência na cidade) por parte dos jovens.

5.2. Recomendações

Depois de realizada a pesquisa, foi possível elaborar as seguintes recomendações na expectativa destas poderem contribuir em certa medida para o desenvolvimento da actividade agrícola no Distrito de Marracuene:

5.2.1. A UCAM

- A criação de parcerias com o SDAE local e outras organizações afins, trabalhando com a agricultura para garantir um aumento de técnicos nos campos para assistirem aos agricultores durante todas as fases da produção;
- A concepção de projectos de desenvolvimento agrícola mais voltados para o mercado como forma de garantir maior índice de ganhos financeiros com a comercialização dos produtos pelos agricultores;
- Desenvolvimento a nível das comunidades dos associados, de programar de incentivo a participação dos jovens nas actividades agrícolas, pois estes constituem o grosso da população activa do país;
- A busca de parcerias com associações de outros quadrantes do país e do mundo, para alargar o seu âmbito, o seu modo de actuação, as actividades desenvolvidas e não só, tudo o que possibilita o seu crescimento quantitativo e qualitativo.

5.2.2. Aos Agricultores:

- A criação de parcerias com mercados de produtos agrícolas e/ou estabelecimentos comerciais e restaurantes locais para fornecimento da produção local, como forma de garantir pontos estratégicos e fixos de comercialização da produção, garantindo retorno ao esforço dos agricultores e motivando os mesmos a produzir mais e com mais qualidade de mercado;
- Uma maior união entre os membros e justiça e transparência na resolução dos conflitos internos para não desmotivar alguns dos associados;

5.2.3. Ao Governo Distrital:

- A canalização de mais apoios para o desenvolvimento da agricultura familiar, visto que esta actividade, ao nível do Distrito de Marracuene, mostra ser, não só uma fonte de sustento para muitas famílias praticantes, como também um grande contributo para a economia do distrito em si;

- Canalização de mais assistência técnica para os agricultores, uma vez que estes queixam-se de um fraco acompanhamento pelos serviços de extensão disponibilizado pelo governo;
- Construção e aprovisionamento de infra-estruturas como sistemas de regadio e de armazenamento de água, para garantir menor dependência pelas condições do clima e também para tentar conter o alagamento dos campos pelas águas do rio Inkomáti que causa muitas perdas nas colheitas.

CAPITULO VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVRITZER, L. *Cultura Política, Associativismo e Democratização: Uma Análise do Associativismo no Brasil*. In: O novo associativismo brasileiro. Relatório substantivo final: FORD/ANPOCS, 2004.

CANTERLE, Nilsa Maria G. *O Associativismo e Sua Relação Com o Desenvolvimento*. Francisco Beltrão-PR, Unioeste, 2004. Disponível em: <www.unioeste.br>. Acesso em: 20 Set. 2015.

FRANTZ, Walter. *Desenvolvimento Local, Associativismo e Cooperação*, 2002. Disponível em: <<http://www.unijui.tche.br/~dcre/frantz.html>>. Acessado em 28/10/2015

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2001;

LAURENTINO, Maria Valdirene. *Associativismo Empresarial Como Uma Ferramenta de Alavancagem do Sucesso das Organizações, Sobretudo, das Micro e Pequenas Empresas*. FASETE. Brasil. Outubro, 2015

LEONELLO, João Carlos. *O Associativismo Como Alternativa de Desenvolvimento Local e Sustentabilidade Social*. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: 2014

LOUIS, D'Hainaut. *Conceitos e Métodos da Estatística*. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa 1992. Disponível em: <www.bibliotecas.utl.pt>. Acesso a 13 de Setembro de 2015

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO ESTATAL. *Perfil do Distrito de Marracuene*. Maputo 2005.

MOSCA, João. *Agricultura Familiar Em Moçambique: Ideologias E Políticas*. Disponível em: <www.pascal.iseg.utl.pt>. Acesso em 21 de Set. 2015.

SEBRAE. *Manual Associativismo, Acesso ao Crédito e Apoio à Inovação*. Disponível em: <www.sebraemg.com.br>. Acesso a 12 de Outubro de 2015

Serviço Distrital De Actividades Económicas. *Balanço Do Quinquénio 2010-2014*. Governo Do Distrito De Marracuene 2015

SMART, Teresa e HANLON, Joseph (2014). *Galinhas e Cerveja: Uma Receita para o Crescimento*. Kapicua. Maputo.

FERREIRA, Pedro P. *Por uma Definição dos Processos Tecnicamente Mediados de Associação*. Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade. 2012. Disponível em: <www.fdr.com.br>. Acesso a 29 de Março de 2016

GAGLIANO, Pablo Stolze; FILHO, Rodolfo Pamplona. *Novo Curso de Direito Civil. Parte Geral*. Vol. I. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2007

NEVES, Olga Iglésias. *O Movimento Associativo Africano em Moçambique*. Tradição e Luta (1926-1962). ULTava. 2009

LEVIN, J. *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*. 2. Ed. São Paulo: Harbra, 1987.

INÁCIO, Sérgio Aparecido. *Estatística Geral e Aplicada*. Curitiba. S.A.I. 2003

GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. *Boletim da República de Moçambique*. I Série - N 29 Quinta Feira 18 de Julho de 1991

GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. *Boletim da República de Moçambique*. I Série - N 38 Segunda Feira 28 de Setembro 2009

ROSA, Marcos Vinicio Neto. *Associativismo Como Alternativa de Desenvolvimento no Município de Gloria*. FASETE. Dezembro de 2012

CARVALHO, Daniela Moreira *et al.* *Perspectivas Dos Jovens Rurais: Campo Versus Cidade* UFRGS, Porto Alegre. Brasil. 2009

DE SOUZA, Hildo Meirelles Filho *et al.* *Condicionantes da Adoção de Inovações Tecnológicas na Agricultura*. Brasília. 2011

DOTTO, Fabiano. *Fatores que Influenciam a Permanência dos Jovens na Agricultura Familiar, no Estado de Mato Grosso do Sul*. Universidade Católica Dom Bosco. Mato Grosso do Sul. 2011

Apêndices e Anexos

Apêndice I:

Guião de Entrevistas Dirigido aos Membros das Associações Agrícolas de Marracuene

1 – Identificação

- 1.1. Nome: _____ Sexo: Masculi
Feminino:
- 1.2. Idade: 0-10 An 11-20 Anos 21-30 Anos 31 Anos
 41-50 Anos 51-60 Anos 61 ou mais anos
- 1.3. Estado Civil: Solteiro Casado Divorciado Viúvo
- 1.4. Nível de Escolaridade: Não escolarizado Nível primário Nível
 Básico: Nível Médio: Nível Superior
- 1.5. Numero de membros da família: 1 4 8-1 11-1 14-1
17 ou mais

2 – Associações identificadas

- 2.1. Qual é o nome da associação da qual faz parte? -

2.2. Quantos membros fazem parte? _____

2.3. Quando foi fundada a associação da qual faz parte? _____

2.4. A associação é reconhecida pelo governo ou pelas autoridades locais? Sim Não

3. Organização interna das associações

3.1. A quem pertence a machamba onde cultiva?

a). Associação _____ b). Dono _____ c). Outra
opção _____

3.2. Quem toma as decisões na associações?

a). Líder_____ b). Membros_____ c) Assembleia

d).

Outro_____

3.3. Que culturas são produzidas na associação da qual faz parte?

3.4. Quem decide que culturas devem ser produzidas por época?

a). Líder_____ b). Membros_____

c).

Outro_____

3.5. Qual é o destino da produção da associação?

a). Alimentar_____ b). Venda_____

c). Outras_____ opções

3.6. Como são distribuídos os benefícios da produção?

3.7. Os membros da associação recebem assistência para a produção?

a). Sim _____ b). Não _____

3.7.1. Se sim: Qual é o tipo de assistência que recebem?

a). Insumos agrícolas _____ b). Assistência técnica _____ c) Sementes melhoradas

c).

Outro _____

3.7.2. Se Sim: Com que frequência?

a) Sempre _____ b) Uma vez por época _____ c) Sempre que solicitam

d) Raramente _____

4. Transformações geradas pelas associações

4.1. Que ganhos é que já obteve com a adesão à associação?

4.2. Antes da presença das associações, como eram os rendimentos dos produtores locais?

a). Bons_____ b). Maus_____

Outro_____

4.3. Para além da produção agrícola, as associações desenvolvem algum serviço para a comunidade?

a). Sim_____ b). Não_____

4.3.4. Se sim: Que tipo de serviços?

4.4. O que a comunidade ganhou com a presença das associações?

4.5. Com a presença das associações, houve alguma melhoria no nível de renda dos seus associados?

a). Sim_____ b). Não_____

4.6. Que outros benefícios poderia apontar como consequências directas da presença das associações?

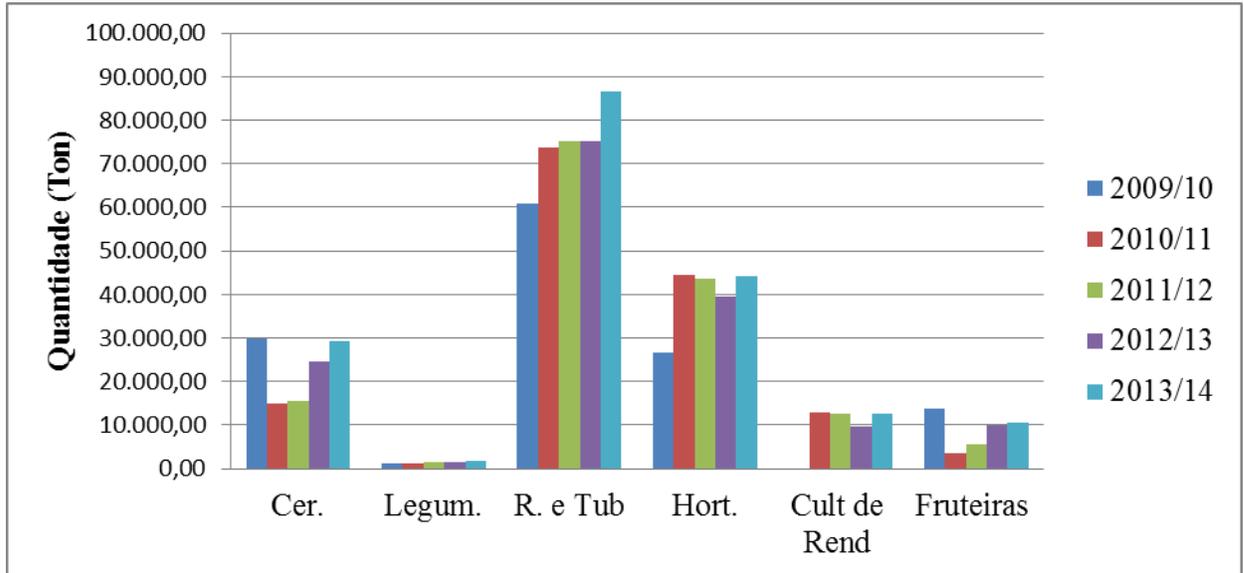
Anexo I:

Tabela 1: Evolução da Produção Agrícola Durante o Quinquénio 2010-2014 no Distrito de Marracuene

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA 2009- 2014					
DISTRITO DE MARRACUENE					
Cultura					
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
Cereais	29,749.45	14,873.30	15,650.00	24,667.35	29,313.42
Leguminosas	1,357.50	1,229.90	1,532.02	1,399.65	1,789.27
R. & Tubérculos	60,861.00	73,611.00	75,229.83	75,245.00	86,630.28
Hortícolas	26,615.50	44,505.00	43,516.00	39,618.00	44,255.50
Culturas de Rendimento	0.00	13,050.30	12,641.25	9,750.00	12,672.50
Fruteiras	13,845.00	3,600.30	5,618.25	9,956.00	10,522.50
Total	132,428.45	150,869.80	154,187.35	160,636.00	185,183.46

Fonte: SDAE 2015

Gráfico 2: Evolução da Produção Agrícola Durante o Quinquénio 2010-2014 no Distrito de Marracuene



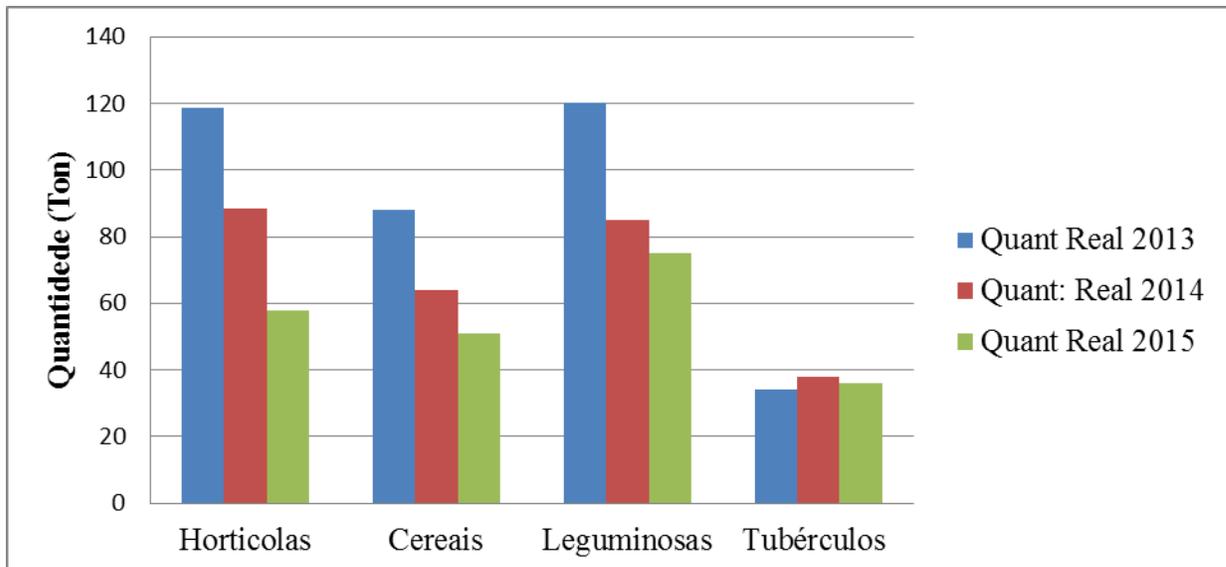
Anexo II:

**Tabela 2 : Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016
Para a Associação 7 de Abril**

	Quant: Planif 2013	Quant Real 2013	Quant: Planifi 2014	Quant: Real 2014	Quant: Planif 2015	Quant Real 2015	Quant Planif 2016
Hortícolas	82.5 ton	118.8 ton	59.4 ton	88.5 ton	74.9 ton	57.7 ton	357 ton
Cereais	50 ton	88 ton	47 ton	64 ton	95 ton	51 ton	150 ton
Leguminosas	120 ton	120 ton	53 ton	85 ton	140 ton	75 ton	190 ton
Tubérculos	59 ton	34 ton	81 ton	38 ton	150 ton	36 ton	270 ton

Fonte: UCAM 2015

**Gráfico 3: Evolução durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e
2015-2016 na Associação 7 de Abril**



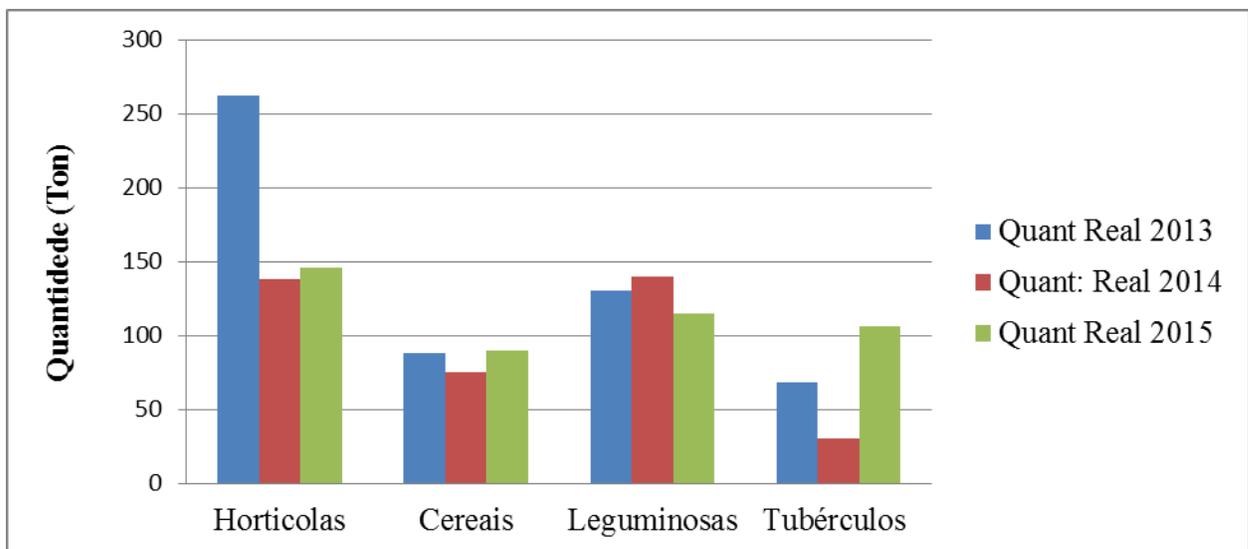
Anexo III

Tabela 3: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação Alfredo Namitete

	Quant: Planif 2013	Quant Real 2013	Quant: Planifi 2014	Quant: Real 2014	Quant: Planif 2015	Quant Real 2015	Quant Planif 2016
Hortícolas	123,5 ton	262.3 ton	74.5 ton	138.1 ton	150.5	146.3	440 ton
Cereais	65 ton	88 ton	85 ton	75 ton	160 ton	90 ton	150 ton
Leguminosas	50 ton	130 ton	75 ton	140 ton	155 ton	115 ton	210 ton
Tubérculos	88 ton	68 ton	66 ton	30 ton	190 ton	106 ton	270 ton

Fonte: UCAM 2015

Gráfico 4: Evolução da Produção durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 na Associação Alfredo Namitete



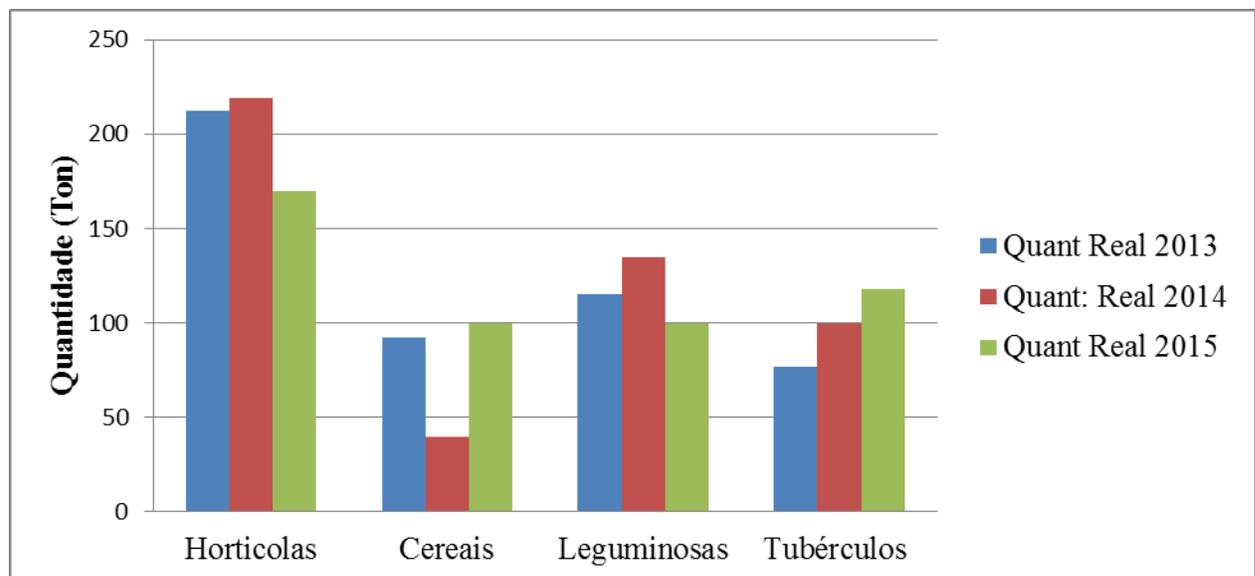
Anexo IV

Tabela 4: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação Telmina Pereira

	Quant: Planif 2013	Quant Real 2013	Quant: Planifi 2014	Quant: Real 2014	Quant: Planif 2015	Quant Real 2015	Quant Planif 2016
Hortícolas	125.5 ton	212.5 ton	131.5 ton	219 ton	169 ton	170 ton	496 ton
Cereais	70 ton	92 ton	20 ton	40 ton	160 ton	100 ton	140 ton
Leguminosas	70 ton	115 ton	70 ton	135 ton	140 ton	100 ton	210 ton
Tubérculos	64 ton	77 ton	51 ton	100 ton	118 ton	118 ton	260 ton

Fonte: UCAM 2015

Gráfico 5: Evolução da Produção Durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 na Associação Telmina Perreira



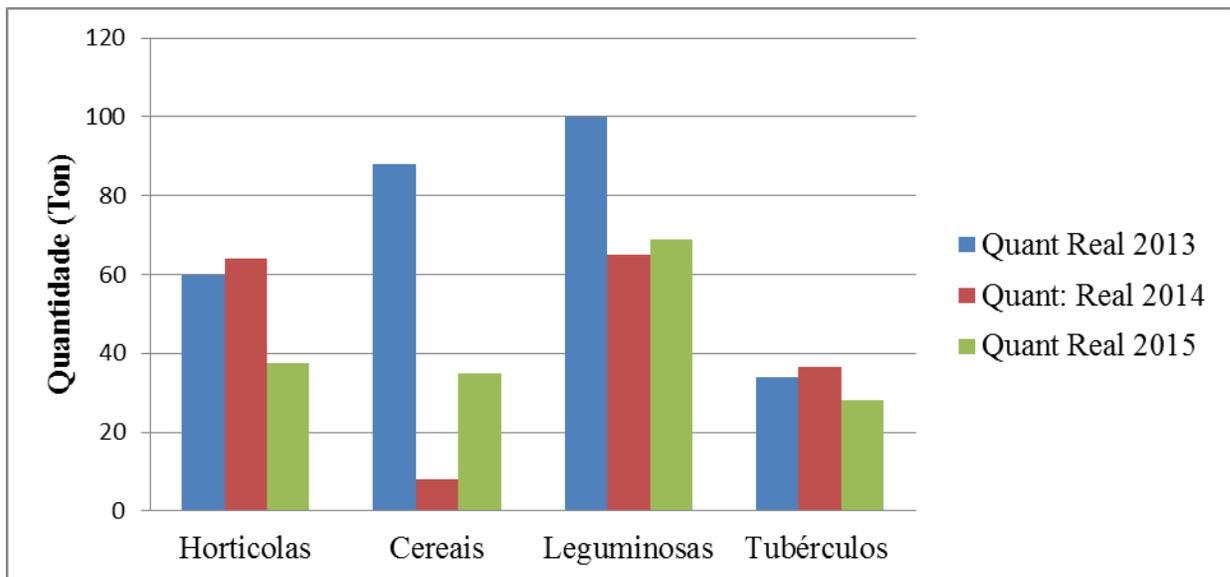
Anexo V

Tabela 5: Relatório das Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 Para a Associação 13 de Fevereiro

	Quant: Planif 2013	Quant Real 2013	Quant: Planifi 2014	Quant: Real 2014	Quant: Planif 2015	Quant Real 2015	Quant Planif 2016
Hortícolas	41 ton	59.8 ton	41.5 ton	63.9 ton	34.5 ton	37.4 ton	125 ton
Cereais	50 ton	88 ton	15 ton	8 ton	70 ton	35 ton	140 ton
Leguminosas	72 ton	100 ton	35 ton	65 ton	108 ton	69 ton	120 ton
Tubérculos	49 ton	34 ton	50 ton	36.5 ton	54 ton	28 ton	240 ton

Fonte: UCAM 2015

Gráfico 6: Evolução da Produção Durante as Campanhas Agrícolas de 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016 na Associação 13 de Fevereiro



Anexo VI

Tabela 6: Áreas Perdidas e Famílias Afectadas Durante o Quinquénio 2010/2014.

ANO	2010	2011	2012	2013	2014
Áreas Perdidas	1.245	2.178	1.114	1.012,50	1.727,25
Famílias Afectadas	482	1.601	422	411	476

Fonte: SDAE 2014